

PRÁTICAS DE APOIO À AMAMENTAÇÃO PELA ÓTICA DE PUÉRPERAS

HEMERICH, Kauana Dominiak ¹

CABRAL, Celina ²

RESUMO

Introdução: Encontrar formas de fazer com que a amamentação se torne mais leve e segura, mesmo com os desafios dessa fase, pois é possível que ocorra uma carência de informações fonoaudiológicas sobre o aleitamento materno e seus desafios. **Objetivo:** Caracterizar as práticas de apoio ao aleitamento materno durante o período gestacional bem como as práticas intra-hospitalares após o parto, além disso, compreender, os principais desafios vivenciados pelas mães no manejo do aleitamento materno e entender sobre o apoio profissional ao aleitamento materno oferecido no hospital, após o parto. **Metodologia:** A pesquisa, de natureza quali-quantitativa e delineamento transversal, foi realizada com puérperas primíparas atendidas pelo SUS no Hospital São Lucas, em Cascavel-PR. A coleta de dados ocorreu entre março e maio de 2025, por meio da aplicação de um questionário adaptado contendo perguntas objetivas e abertas. As participantes foram selecionadas com apoio da equipe de enfermagem, mediante consentimento livre e esclarecido. Os dados foram organizados em planilhas do Excel® e analisados de forma descritiva, preservando-se o sigilo das informações. **Resultados:** Todas realizaram o pré-natal, porém poucas participaram de grupos de apoio durante a gestação. Houve predominância de partos cesáreos, o que pode ter influenciado as dificuldades iniciais na amamentação. A maioria das mães relatou desafios como dor e má pega, mesmo estando em processo de amamentação. Muitas demonstraram interesse em obter mais informações sobre ordenha, posicionamento e pega correta. A atuação da equipe de enfermagem foi mais presente no apoio à amamentação, enquanto a presença da fonoaudiologia ainda se mostrou limitada, apontando a necessidade de maior integração desse profissional no cuidado materno-infantil. **Discussão:** A pesquisa indicou que as puérperas reconhecem os benefícios da amamentação, mas sentem falta de mais orientações. Observa-se ainda a necessidade de maior atuação do fonoaudiólogo no pré-natal, embora algumas tenham recebido apoio no pós-parto. Apesar de reconhecerem os benefícios da amamentação, muitas demonstraram inseguranças e desejam mais orientações, destacando a importância de apoio profissional e educativo no pré e pós-parto. **Conclusão:** Apesar de que todas as mães entrevistadas tenham realizado pré-natal e estejam amamentando, enfrentaram alguns desafios no processo de amamentação, nos primeiros dias após o parto. Dificuldades como má pega, dor e ingurgitamento mamário foram recorrentes, assim como complicações. Quanto à participação do fonoaudiólogo nas orientações a gestantes em serviços do SUS, na amostra estudada houve defasagem na oferta desse serviço, visto que não receberam orientações fonoaudiológicas no período gestacional. Já no pós parto, algumas participantes referiram ter recebido orientações e auxílio de um profissional fonoaudiólogo.

Palavras-chave: Amamentação. Puérperas. Fonoaudiologia.

¹Acadêmico (a) do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG – kdhemerich@minha.fag.edu.br

²Docente Orientadora do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG – celinacabral@fag.edu.br

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno (AM) é essencial para o desenvolvimento saudável do recém-nascido (RN), contribuindo para a formação adequada das estruturas craniofaciais e miofuncionais. Além de fortalecer a musculatura orofacial, o aleitamento materno promove o crescimento harmonioso das articulações, favorece a saúde dentária e previne hábitos orais inadequados, como o uso de chupetas ou mamadeiras (Nascimento; Issler, 2003; Baptista *et al.*, 2009). Os benefícios também incluem a prevenção de infecções, alergias, problemas respiratórios e doenças crônicas futuras, como hipertensão, diabetes tipo 2 e obesidade. Para a mãe, o aleitamento materno facilita a recuperação uterina, ajuda a prevenir o câncer de mama e fortalece o vínculo materno (Bayardo *et al.*, 2003; Trawitzki *et al.*, 2005). A ausência ou interrupção precoce do aleitamento materno pode acarretar em prejuízos ao desenvolvimento orofacial, problemas dentários, orais e na fala do bebê, alterações miofuncionais e também aumentar o risco de cáries e malformações craniofaciais (Takushi *et al.*, 2008; Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2016).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que o aleitamento materno seja iniciado na primeira hora de vida (UNICEF, 1993; Boccolini *et al.*, 2008), evitando que haja separação do binômio (mãe-bebê), pois isso poderá prejudicar a amamentação, a aproximação da mãe e filho (Boccolini *et al.*, 2008; Pasqual *et al.*, 2010; Cruz *et al.*, 2007) e a formação da base emocional do recém-nascido (UNICEF, 1993; Bowlby, 2002; Cruz *et al.*, 2007).

No Brasil, a taxa de aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses é de aproximadamente 41%, classificada como "razoável" pela Organização Mundial da Saúde (OMS), evidenciando a necessidade de maior incentivo e apoio no período pré-natal e puerperal (Takushi *et al.*, 2008; Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2016). Muitas mães enfrentam dificuldades durante a amamentação, como baixa produção de leite, dores nas mamas, má postura ou problemas de pega do bebê. Nessas situações, a presença de profissionais de saúde qualificados, como fonoaudiólogos, médicos e enfermeiros, é essencial para orientar e apoiar as mães,

prevenindo o desmame precoce e garantindo o sucesso do aleitamento materno (Giugliani, 2004).

No ambiente hospitalar, o contato entre mãe e bebê deve ser incentivado, pois fortalece o vínculo afetivo, fundamental para o desenvolvimento infantil. No entanto, em unidades de cuidados intensivos (UCI), esse contato é muitas vezes limitado, o que pode impactar negativamente essa relação (Costa *et al.*, 2000; Lipay; Almeida, 2007). Esse ambiente, especialmente a UTI neonatal, pode ser um obstáculo por ser um local cheio de aparelhos e com uma rotina intensa, o contato natural entre mãe e bebê acaba sendo dificultado. Isso atrapalha a amamentação e ainda gera muita ansiedade na mãe, o que interfere negativamente na produção de leite (Amando *et al.*, 2016).

O fonoaudiólogo desempenha um papel fundamental na promoção do aleitamento ao atuar na correção de problemas de sucção e deglutição, orientando as mães sobre a importância do aleitamento materno para o desenvolvimento orofacial, o que influencia diretamente as funções de respiração, mastigação e fala do bebê. Sua atuação desde o pré-natal até o período pós parto é essencial para garantir que a mãe estabeleça hábitos corretos durante as primeiras mamadas (Leite *et al.*, 2008).

As políticas públicas brasileiras, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM), enfatizam a importância de um atendimento humanizado e da promoção da saúde da mulher, especialmente durante a gestação. Unidades Básicas de Saúde (UBS) oferecem grupos de gestantes com o objetivo de orientar sobre o aleitamento materno, destacando seus benefícios nutricionais, imunológicos e emocionais (Brasil, 2003). No entanto, ainda existem barreiras culturais, como a atribuição exclusiva à mulher da responsabilidade pelo cuidado do bebê, o que pode gerar sobrecarga e insegurança nesse processo (Junges *et al.*, 2010).

Cabe aos profissionais de saúde desmistificar essa ideia e incentivar o envolvimento da rede de apoio familiar durante a amamentação, pois esse suporte é essencial para o sucesso do aleitamento materno (Carvalhes; Correa, 2003).

A atuação fonoaudiológica, portanto, é essencial para detectar e prevenir alterações na amamentação e na comunicação, evitando problemas futuros como

má postura, pega inadequada e alterações miofuncionais orofaciais, que podem afetar a respiração, mastigação e fala. Além disso, reduzir complicações no aleitamento materno pode diminuir custos hospitalares e governamentais a longo prazo (Leite *et al.*, 2012).

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo geral, caracterizar as práticas de apoio ao aleitamento materno durante o período gestacional bem como as práticas intra-hospitalares após o parto, além disso, compreender os principais desafios vivenciados pelas mães no manejo do aleitamento materno e caracterizar o apoio profissional ao aleitamento materno oferecido no hospital, após o parto.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e quantitativa, possui desenho transversal. Foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP do Centro Universitário FAG sob parecer número 7.302.698. Neste estudo houve contato direto com os pesquisados e as informações foram coletadas por meio da aplicação de questionário.

A população estudada foi composta por puérperas cujos partos ocorreram no Hospital São Lucas, situado na cidade de Cascavel-PR, atendidas pelo Sistema Único de Saúde. O setor de Obstetrícia do Hospital São Lucas atende tanto pacientes do SUS quanto da rede particular. O hospital conta também com uma equipe composta por duas fonoaudiólogas responsáveis por prestar os atendimentos em todos os setores de assistência do hospital (Hospital São Lucas, 2024).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março, abril e maio de 2025, com uma frequência de três vezes por semana. Os critérios de inclusão da pesquisa serão: puérperas primíparas, alojadas na ala SUS do hospital, com histórico de parto normal ou cesárea, entre 24 e 72 horas de pós-parto. Os critérios de exclusão incluem: puérperas com complicações gestacionais ou no parto, com restrições à amamentação, partos prematuros com complicações, cujos recém-nascidos estivessem na UTI neonatal (UTIN).

A pesquisadora entrou em contato prévio com a coordenação do hospital para apresentar os objetivos e procedimentos da pesquisa, obtendo a anuência da instituição. Com a autorização do hospital e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, a coleta de dados foi iniciada. A identificação das possíveis participantes foi feita com auxílio da equipe de enfermagem do setor de maternidade. Após a explicação detalhada sobre a pesquisa, as puérperas foram convidadas a participar de forma voluntária, mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As que recusaram a participação foram excluídas da amostra.

Os questionários foram aplicados diretamente pela pesquisadora e acadêmicas previamente orientadas e treinadas, sendo realizada as perguntas de forma oral para as pesquisadas, o que possibilitou maior clareza na comunicação e esclarecimento imediato de eventuais dúvidas. Os dados pessoais das participantes foram preservados, assegurando sigilo em todas as etapas da pesquisa e não sendo divulgadas em nenhuma hipótese.

O questionário (quadro 1), foi adaptado (Santos *et al.*, 2019; Dal Santo *et al.*, 2020; Frois e Mangilli, 2021) pelas pesquisadoras, continha trinta perguntas objetivas e quatro perguntas abertas de fácil interpretação voltadas à identificação de dúvidas e dificuldades relacionadas ao aleitamento materno. Para facilitar a coleta, os questionários foram impressos e disponibilizados em pranchetas com canetas acopladas. O tempo médio de resposta foi de 5 a 10 minutos.

Quadro 1- Conteúdo do questionário aplicado às puérperas.

Categoria	Variáveis Investigadas
Gestação e Parto	Tipo de parto (Cesárea / Normal)Semanas de gestação Realizou pré-natal (Sim / Não)Participou de grupo de apoio (Sim / Não) + Local
Amamentação Atual	Está amamentando? (Sim / Não)Dificuldade para amamentar? (Sim / Não) + Tipo: má pega, dor, ingurgitamento, mastite, rachaduras, falta de leite, leite fraco, bebê sonolento

Conhecimento sobre AM	Conhece vantagens do AM para bebê e mãe? (Sim / Não) + Resposta Conhece outras formas de ofertar leite? (Copinho / Seringa / Mamadeira / Sonda / Não)
Informações Recebidas	Recebeu informações sobre AM na gestação? (Sim / Não) Profissional que orientou: Fonoaudiólogo / Nutricionista / Enfermeiro / Técnico / Médico Momento: Pré-natal / Pré-parto / Pós-parto
Crenças Percepções	Acredita que o leite é fraco? (Sim / Não) Amamentar fortalece músculos da fala? (Sim / Não) Fortalece vínculo mãe-bebê? (Sim / Não) Está posicionando corretamente o bebê? (Sim / Não)
Anatomia Mamilar	Tipo de bico do seio: Normal / Para dentro / Plano / Protruso / Não sei
Desenvolvimento Infantil	AM facilita crescimento/desenvolvimento? (Sim / Não) AM facilita desenvolvimento da fala? (Sim / Não)
Uso de Mamadeira	Acha que pode causar danos? (Sim / Não)
Rede de Apoio	Possui apoio? (Sim / Não) + De quem: Marido / Vó / Outro
Suporte Profissional	Recebeu suporte para AM? (Sim / Não) + Profissional responsável
Sugestões e Comentários	Informações desejadas na gestação Recomendações para o hospital Observações sobre a experiência com AM

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Os dados obtidos foram organizados e tabulados em planilhas simples do Microsoft Excel®, para o registro das frequências absolutas e relativas (em porcentagem) de cada resposta, em relação às quatro últimas perguntas do questionário que eram descritivas, foram analisadas de forma qualitativa observando a predominância das respostas. Em seguida, foi realizada uma análise descritiva dos resultados, observando a predominância das respostas e suas possíveis interpretações dentro do contexto da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 30 puérperas, que se encontravam internadas na ala SUS do hospital, as entrevistas foram realizadas à beira leito, no período entre 24 e 48 horas após o parto. Com base nos dados coletados, a seguir serão apresentados e discutidos os principais achados da pesquisa.

A seguir, o quadro 2 apresenta o perfil obstétrico das participantes, evidenciando dados relacionados ao tipo de parto, realização de pré-natal e participação em grupos de apoio. Esses aspectos são fundamentais para compreender o contexto inicial da gestação e o preparo das mães para o aleitamento materno.

Quadro 2 – Características Obstétricas e Pré-natais das Mães Entrevistadas.

Indicador	Frequência (n=30)	Porcentagem (%)
Idade das mães	15 a 40 anos	-
Parto Cesáreo	22	73,3%
Parto Normal	8	26,7%
Participou de grupo de apoio	5	16,7%
Realizou pré-natal	30	100%
Idade gestacional: inferior a 37 semanas (Prematuro)	4	13,3%
A termo (37 a 41 semanas)	25	83,3%
Pós-termo (42 semanas)	1	3,3%

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A análise do perfil das puérperas entrevistadas demonstra que todas realizaram o pré-natal (100%), evidenciando bom acesso inicial aos serviços públicos de saúde. Entretanto, apenas 16,7% participaram de grupos de apoio à gestante, o que sugere uma carência de ações educativas contínuas nesse período, como defendido por Soares e Giugliani (2008). Quanto ao tipo de parto, houve predominância de partos cesáreos (73,3%) sobre os partos normais (26,7%), isso reflete um padrão nacional identificado por Dias *et al.* (2022), e pode estar

relacionado a dificuldades iniciais na amamentação, como menor contato pele a pele precoce e atraso na primeira mamada.

O parto cesáreo é apontado como um fator de risco para o desmame precoce, pois pode interferir em respostas hormonais da mãe e do bebê, além de provocar dor e sonolência materna, dificultando as primeiras mamadas e impactando negativamente a amamentação em diferentes prazos (Ford e Labbok, 1990). Esse fenômeno é parcialmente atribuído ao uso de medicamentos, que podem comprometer a interação da díade e contribuir para um posicionamento inadequado do recém-nascido ao seio materno (Souza, Martins e Strada, 2024).

A maioria dos bebês nasceu a termo (83,3%), o que é considerado ideal para o desenvolvimento infantil, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020). Recém-nascidos a termo apresentam maior maturidade neurológica e motora, o que favorece a coordenação dos reflexos de sucção, deglutição e respiração, essenciais para uma amamentação eficaz. Essa condição reduz o risco de dificuldades na pega e favorece a extração adequada do leite, contribuindo para o sucesso do aleitamento materno desde os primeiros dias de vida (Giugliani, 2010; OMS, 2020).

No entanto, 13,3% dos bebês nasceram prematuros, o que exige maior atenção, principalmente no suporte à amamentação, já que bebês prematuros podem apresentar dificuldades na sucção e na pega correta (Giugliani, 2010).

A seguir, no Quadro 3 estão descritos os achados com relação ao AM e as possíveis dificuldades apresentadas nas horas iniciais de pós parto, como má pega, dor e rachaduras.

Quadro 3 – Situação Atual de Amamentação e Dificuldades Iniciais Relatadas

Indicador	Frequência (n=30)	Porcentagem (%)
Está amamentando	30	100%
Dificuldades na amamentação	21	70,0%
Má pega	13	43,3%
Dor	12	40,0%
Rachaduras	9	30,0%

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Embora todas as mães tenham afirmado estar amamentando (100%), a maioria, 70% relataram dificuldades, sendo as mais comuns a má pega (43,3%), dor (40%), fatores apontados por Giugliani (2010) como principais causas de desmame

precoce. Os autores identificam a dor durante a amamentação como uma das principais causas de desmame precoce, com muitas mães optando pelo uso de fórmulas artificiais como substituto ao leite materno (Souza, Martins e Strada, 2024).

A má pega durante a amamentação é uma das principais causas de desmame precoce, afetando tanto a mãe quanto o bebê. Ela pode estar relacionada a quadros de dor, fissuras nos mamilos, baixo ganho de peso do lactente e até mesmo interrupção do aleitamento. Entre as causas mais comuns da má pega estão o posicionamento inadequado da mãe ou do bebê, reflexos orais imaturos, frênulo lingual curto e uso precoce de mamadeiras ou chupetas, fatores que podem comprometer a sucção e extração do leite, dificultando o esvaziamento da mama e a obtenção do leite posterior, mais nutritivo e rico em gorduras (Franklin e Ramos, 2021).

Os reflexos orais do recém-nascido garantem sua alimentação nessa fase inicial do desenvolvimento e são os seguintes: busca ou procura cuja função consiste em localizar o peito; sucção sendo sua função a retirada do leite; e deglutição (Sanches, 2004).

Os dados mostrados no quadro 3, indicam a presença de desafios no início do processo de aleitamento, os quais, segundo Boccolini *et al.*, (2008), são determinantes para a manutenção ou interrupção precoce do aleitamento exclusivo. Muitas mulheres iniciam a amamentação sem o conhecimento adequado sobre o processo ou não estão preparadas, o que as torna vulneráveis a dúvidas sobre questões como dor, posição correta e pega do bebê. É essencial que as mães recebam apoio para vivenciar a amamentação de forma saudável e integrada, para que ela possa amamentar seu bebê em todos os sentidos: biológico, sensorial e psíquico (Sousa *et al.*, 2004). Assim, é fundamental que a mulher se sinta bem assistida para assumir com segurança o papel de mãe e provedora do aleitamento do seu filho (Araújo *et al.*, 2008).

A seguir, o quadro 4 destaca as orientações recebidas durante o pré-natal e o conhecimento das mães sobre formas alternativas de oferta do leite.

Quadro 4 – Recebimento de informações no pré-natal

Indicador	Frequência (n=30)	Porcentagem (%)
-----------	-------------------	-----------------

Recebeu informação no pré-natal	22	73,3%
Profissionais que ofereceram apoio	Médica/Enfermeira	-
Conhece outras formas além da mamadeira	7	23,3%
Percebe falta de leite	5	16,7%
Conhece as vantagens do aleitamento materno	28	93,3%
Gostaria de ter aprendido mais sobre a amamentação	21	70,0%
O que gostaria de ter aprendido sobre a amamentação	Pega, posicionamento correto e ordenha.	-

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O quadro 4 demonstra que 73,3% das mães afirmaram ter recebido orientações durante o pré-natal, principalmente de médicas e enfermeiras. Ressalta-se que o profissional fonoaudiólogo não foi citado quando as participantes foram indagadas sobre quem forneceu orientações sobre o aleitamento materno no período gestacional. Tal dado nos mostra uma defasagem na inserção de profissionais fonoaudiólogos em grupos/ações de orientações a gestantes no SUS, o que compromete a integralidade do cuidado na Atenção Primária à Saúde (APS). A atuação da fonoaudiologia nesses espaços é incipiente, com participação restrita a poucas unidades e sem presença sistemática em grupos de gestantes.

Essa defasagem impede a implementação de ações educativas contínuas, como orientações ainda no pré-natal sobre amamentação, desenvolvimento da comunicação infantil e triagem auditiva neonatal (Sacramento *et al.*, 2017). A maioria das mães (70%) relatou que gostaria de ter aprendido mais sobre amamentação e temas como ordenha, pega correta e posições para amamentar foram citados como interesses. As orientações devem ser iniciadas ainda no pré-natal e continuar no pós-parto, especialmente nos primeiros dias de vida do bebê que é o período crítico para o estabelecimento da amamentação e para corrigir equívocos e fornecer informações adequadas às puérperas (Bueno *et al.*, 2004; Santos *et al.*, 2005).

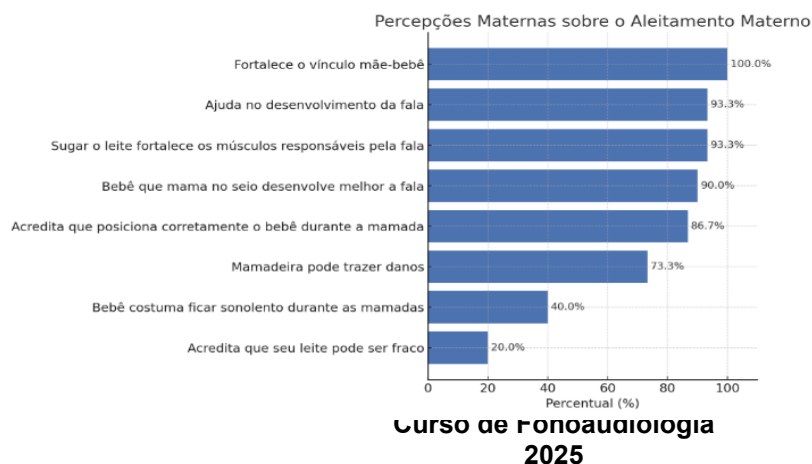
Assim, a carência desse serviço no contexto do pré-natal e no apoio ao aleitamento pode trazer prejuízos significativos, como o aumento da insegurança materna, o desmame precoce e potenciais atrasos no desenvolvimento das funções orofaciais. Tais achados evidenciam a necessidade de fortalecimento das políticas públicas que contemplem a atuação multiprofissional, com destaque para a inclusão da Fonoaudiologia nas ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno (Fonseca *et al.*, 2015; Ferreira *et al.*, 2020).

Quando questionadas sobre o seu leite, a maior parte das mães (83,3%) não percebe falta de leite, indicando confiança na sua produção. Entretanto, apenas 23,3% conheciam formas alternativas de oferta de leite, como copinho ou seringa, o que indica fragilidade na transmissão de conhecimento, também evidenciada por Santos *et al.*, (2012).

Os dados obtidos nesta pesquisa reafirmam o que já é amplamente discutido na literatura: embora existam diversas campanhas de incentivo ao aleitamento materno, os índices de desmame precoce permanecem elevados, especialmente em países em desenvolvimento. Intervenções precoces, iniciadas ainda no período pré-natal, são fundamentais para garantir a continuidade e o sucesso do aleitamento materno exclusivo, sendo nesse ponto que a atuação fonoaudiológica assume papel estratégico (Medeiros *et al.*, 2017).

A figura 1 mostra a percepção das mães sobre os benefícios do aleitamento materno, sua influência no vínculo com o bebê e no desenvolvimento da fala, assim como as crenças das mães em relação à qualidade do seu leite.

Figura 1 – Crenças e Percepções Maternas sobre os Benefícios da Amamentação



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Com base nos achados expostos na figura 1, percebe-se que todas as participantes reconhecem algum benefício do aleitamento materno: 100% acreditam que fortalece o vínculo entre mãe e bebê e 93,3% associam a prática ao desenvolvimento da fala. Apesar disso, 63,3% afirmam que gostariam de ter recebido mais informações sobre amamentação. A amamentação exerce um papel fundamental no desenvolvimento da fala, ao estimular adequadamente as estruturas responsáveis pela sucção, deglutição e articulação dos sons da fala (Araújo *et al.*, 2007; Chantry *et al.*, 2006; Giugliani, 2010; Oliveira e Bergamaschi 2020). Também promove o fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e bebê por meio de experiências sensoriais e emocionais intensas, cruciais para o desenvolvimento psíquico e emocional do recém-nascido (Bowlby, 2002; Stern *et al.*, 2000; Pridham *et al.*, 2001).

Já no que se refere ao uso da mamadeira, a maioria das mães, 73,3% reconhece os riscos do uso da mamadeira, como desmame precoce, confusão de bicos e problemas na musculatura oral. No entanto, 26,7% não reconhecem esse risco, sinalizando a importância de reforçar orientações sobre alternativas seguras, como o uso de métodos alternativos (copinho ou colher) na alimentação do bebê é indicado como estratégia para evitar a confusão de bicos e preservar a amamentação ao seio. Esses utensílios permitem que o bebê utilize movimentos semelhantes aos da amamentação natural, mantendo o padrão de sucção e favorecendo a continuidade do aleitamento. Diferentemente da mamadeira, que pode comprometer a pega correta e contribuir para o desmame precoce e alterações orofaciais, o uso do copinho promove uma experiência mais próxima da amamentação direta, além de incentivar o vínculo entre cuidador e bebê (Unimed VTRP, 2023).

A confusão de bicos é um fenômeno relevante na prática clínica e tem sido associada a impactos negativos na amamentação e no desenvolvimento orofacial infantil. O uso de chupetas e mamadeiras acarreta padrões musculares distintos daqueles utilizados na sucção ao seio materno, podendo prejudicar a qualidade e a

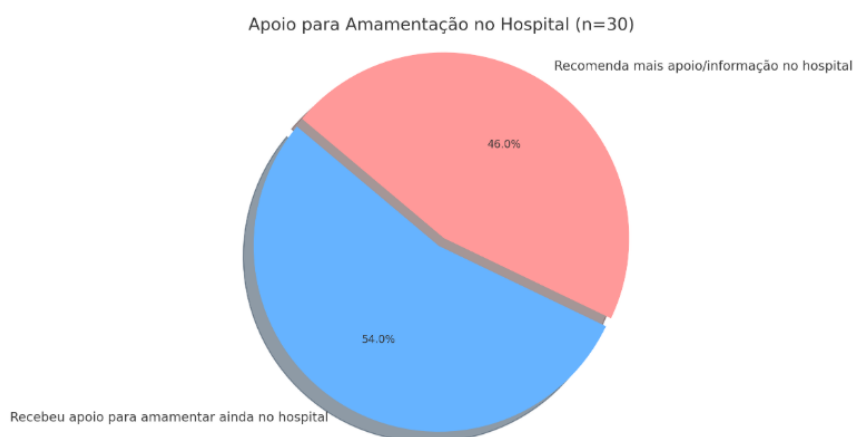
duração do aleitamento, além de favorecer alterações como a respiração oral. Na sucção do seio, há ativação de musculatura ampla e coordenação da língua, essenciais para a extração eficiente do leite. Já com bicos artificiais, o movimento é mais restrito, com menor participação lingual e predominância de músculos como os bucinadores (Unimed, 2023).

A confiança das mães sobre seu leite varia: 20% acreditam que seu leite pode ser fraco, mas 83,3% têm segurança de que estão produzindo em quantidade suficiente. A OMS (2020) afirma que crenças negativas e inseguranças sobre o leite materno são causas comuns de interrupção precoce da amamentação. Ainda assim, é positivo que a maioria reconheça o impacto funcional da sucção no desenvolvimento oral, conforme defende Lima *et al.*, (2018).

Quanto à informação de que 40% dos bebês são sonolentos nas mamadas (figura 1) pode estar relacionado a dificuldades na pega, cansaço do bebê, ou até a fatores como nascimento prematuro. Segundo Giugliani (2010), o bebê sonolento pode apresentar comprometimento na efetividade da mamada, impactando tanto na produção quanto na ingestão adequada de leite.

A seguir, a figura 2 aponta as informações sobre o apoio à amamentação no ambiente hospitalar.

Figura 2 – Experiência com Apoio à Amamentação no Ambiente Hospitalar



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

No contexto hospitalar, 54,0% das mães afirmam ter recebido apoio para iniciar a amamentação, principalmente por parte de profissionais da enfermagem. No

entanto, ainda é elevado o número de relatos de dor (53,3%) e dificuldades na pega (40%) nas primeiras mamadas. Embora a maioria das participantes tenha referido ter recebido apoio no hospital, recomendam melhorias no apoio hospitalar, indicando possíveis lacunas na assistência e destacando a necessidade de receber mais informações e orientações práticas sobre a amamentação ainda no ambiente hospitalar, reforçando a importância do suporte educativo no pós-parto imediato. Esses achados reforçam a importância de estratégias educativas contínuas e presenciais no pré e pós-parto (MS, 2021).

De acordo com Giugliani (2010) e Soares e Giugliani (2008), o sucesso do aleitamento materno está diretamente ligado à qualidade do apoio recebido nas maternidades, especialmente por meio de orientações sobre pega correta, posicionamento e manejo das dificuldades iniciais. É relevante destacar que 46,0% das mães referiram à necessidade de mais apoio no hospital, o que pode indicar desconhecimento sobre quais medidas poderiam ser efetivas. A literatura, incluindo diretrizes da OMS (2020) e do Ministério da Saúde (2021), reforça que o fortalecimento das práticas de acolhimento, escuta ativa e educação em saúde são estratégias essenciais para melhorar os índices de aleitamento materno e garantir maior segurança e autonomia às mulheres nesse processo. Isso evidencia que, mesmo com uma percepção positiva sobre o aleitamento, ainda há inseguranças e carência de informações práticas, como ressaltado por Oliveira e Bergamaschi (2020).

Embora existam diversas campanhas e estratégias voltadas à promoção do aleitamento materno, os índices de desmame precoce permanecem elevados, principalmente em países em desenvolvimento (Medeiros *et al.*, 2017). Isso evidencia que apenas a orientação genérica, muitas vezes iniciada no pré-natal, não é suficiente para garantir o sucesso do aleitamento. O ambiente hospitalar, especialmente nas primeiras horas e dias após o parto, é um espaço decisivo para o estabelecimento dessa prática, sendo fundamental a atuação de uma equipe de saúde preparada e integrada.

A avaliação adequada da mamada permite ao profissional identificar precocemente fatores que comprometem a eficácia da amamentação, como pega inadequada, traumas mamilares, sucção ineficiente, bem como dificuldades

relacionadas à incoordenação entre os movimentos de sucção, deglutição e respiração. Além disso, aspectos comportamentais e emocionais, como o sono excessivo nos primeiros dias de vida e crenças negativas sobre o leite materno, podem interferir na prontidão do recém-nascido e na autoconfiança materna, comprometendo a continuidade do aleitamento (Neves *et al.*, 2020). Nesse contexto, destaca-se a importância da assistência fonoaudiológica no hospital. O fonoaudiólogo possui formação específica para avaliar e intervir nos aspectos relacionados à sucção, deglutição e respiração, além de identificar dificuldades como a pega inadequada, traumas mamilares e padrões disfuncionais de sucção, que são fatores comuns nos primeiros momentos da amamentação. Sua atuação junto à díade mãe-bebê pode garantir o ajuste postural, o preparo do recém-nascido em estado de alerta para a mamada, e a adequação das condições anatômicas e comportamentais envolvidas no processo de aleitamento (Pivante *et al.* 2016).

O quadro 5 abaixo, expressa os dados obtidos quanto ao apoio profissional voltado ao aleitamento materno, oferecido no hospital

Quadro 5 – Apoio oferecido pelos profissionais no hospital

Profissionais que ofereceram apoio	Frequência (n=30)	Porcentagem (%)
Médica(o)	5	16,66%
Enfermeira(o)	15	50,0%
Fonoaudióloga(o)	8	26,66%
Nutricionista	2	6,6%
Total	30	100%

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A análise do quadro 5 evidencia que 100% das puérperas relataram ter recebido auxílio, o fato de que 50% das mães relataram ter recebido orientações das enfermeiras demonstra uma atuação significativa da equipe de enfermagem no processo de amamentação. Esse dado destaca o papel das enfermeiras na promoção do aleitamento materno, especialmente no contexto hospitalar, onde elas estão frequentemente mais presentes no cuidado direto às puérperas e aos

recém-nascidos. A presença desses profissionais contribui para o fortalecimento da segurança materna, prevenção de dificuldades iniciais e estímulo à continuidade do aleitamento.

Por outro lado, a baixa porcentagem de mães que receberam orientações de fonoaudiólogas (26,66%) e médicas (16,66%) aponta para uma participação limitada desses profissionais nesse contexto. Essa lacuna pode indicar a necessidade de maior integração multiprofissional, especialmente da fonoaudiologia, cuja atuação é essencial na avaliação das funções orofaciais do bebê, detecção precoce de alterações na sucção e orientação quanto à eficácia da mamada. Esses dados corroboram com Giugliani (2010) e Soares e Giugliani (2008), que destacam que a ausência de apoio qualificado compromete o sucesso do aleitamento, além de contrariar as recomendações da OMS (2020) e do Ministério da Saúde (2021), que reforçam a importância de uma assistência multiprofissional, contínua e humanizada, sobretudo nas primeiras horas e dias de vida do bebê.

A presença do fonoaudiólogo nos hospitais ainda é escassa ou pouco valorizada dentro das equipes, o que representa uma lacuna importante no cuidado integral à díade (mãe-bebê). Segundo Boccolini *et al.*, (2015) essa carência de assistência especializada pode gerar consequências negativas, como o agravamento de dificuldades iniciais na amamentação, aumento da insegurança materna, maior propensão ao uso precoce de fórmulas e, consequentemente, ao desmame precoce. Além disso, a ausência de apoio técnico individualizado contribui para a perpetuação de crenças equivocadas sobre o leite materno, como as ideias de “leite fraco” ou “quantidade insuficiente”, revelando falhas na comunicação entre a equipe de saúde e as puérperas.

Por fim, cabe ressaltar que a amostra pesquisada foi estatisticamente insuficiente para fins de generalização dos resultados, o que sugere que haja mais pesquisas, com amostras mais robustas, para que seja possível realizar correlações estatisticamente significativas.

Reforça-se a necessidade da inclusão efetiva e sistemática do fonoaudiólogo nas maternidades e unidades hospitalares como parte das estratégias de apoio ao aleitamento materno. A assistência prestada nesse momento inicial é determinante para a continuidade do aleitamento exclusivo, prevenindo complicações futuras e

promovendo o desenvolvimento saudável do bebê. A inserção qualificada desse profissional pode preencher uma lacuna crítica na atenção hospitalar, garantindo um cuidado mais humanizado, técnico e resolutivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que, embora todas as puérperas entrevistadas tenham realizado pré-natal e estejam amamentando, enfrentaram desafios significativos nos primeiros dias após o parto, como má pega e dor. O predomínio de partos cesáreos também pode ter contribuído para essas dificuldades iniciais, interferindo no início da amamentação.

Em relação às práticas de apoio ao aleitamento materno durante a gestação, observou-se que, apesar de parte das mães ter recebido orientações no pré-natal, essas ações mostraram-se insuficientes. Isso aponta para a fragilidade das ações educativas desenvolvidas nesse período, destacando a necessidade de qualificação das orientações fornecidas às gestantes nos serviços do SUS. No que diz respeito ao apoio profissional oferecido no ambiente hospitalar após o parto, observou-se atuação mais efetiva da equipe de enfermagem, sendo esta a principal responsável pelas orientações sobre amamentação. A participação do profissional fonoaudiólogo, embora referida por algumas puérperas no pós-parto, ainda é limitada e pouco sistemática. Nenhuma das entrevistadas relatou ter recebido orientações fonoaudiológicas durante a gestação, evidenciando uma lacuna importante no cuidado integral à mãe e ao bebê.

Por fim, a maioria das puérperas reconheceu os benefícios do aleitamento materno tanto para o fortalecimento do vínculo afetivo quanto para o desenvolvimento da fala do bebê. Ainda assim, a maior parte expressou o desejo de ter aprendido mais sobre o tema, especialmente sobre pega correta, ordenha e posicionamento. Esses achados reforçam a importância de ações educativas mais eficazes e de um apoio contínuo e multiprofissional no pré e pós-parto, destacando o papel estratégico da Fonoaudiologia na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno.

AGRADECIMENTOS

Ao Hospital São Lucas pelo suporte logístico para realização da pesquisa. A todas as mães dos bebês participantes do estudo pela sua contribuição com a ciência. As fonoaudiólogas Ana Alice Menezes, Ana Elisabete Fontana e especialmente Celina Cabral que ajudaram em todo o processo. As colegas estagiárias Eduarda de Mello Rimodi, Ana Beatriz Basto, Radija Lagasse, Kayllane Rossini Alves e Maria Luiza Berlintes. E também aos meus pais, sem eles nada disso seria possível.

REFERÊNCIAS

Araújo, O. D.; Cunha, A. L.; Lustosa, L. R.; Nery, I. S Magalhães, R. C. M.; Campelo, S. M. A. Aleitamento materno: fatores que levam ao desmame precoce. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 4, p. 488–492, jul./ago. 2008.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000400015>. Acesso em: 1 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Saúde. Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil: guia para profissionais da saúde na atenção básica. Brasília: MS, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

Baptista, G. H.; Andrade, A. H. K. G.; Giolo, S. R. Fatores associados à duração do aleitamento materno em crianças de famílias de baixa renda da região sul da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 596-604, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000300014>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Bayardo, R. A. Sanglard-Peixoto, L. F.; Corrêa, M. S. N. P. Aleitamento natural e artificial: considerações gerais. **Revista Internacional de Odonto-psicologia e**

Odontologia de Pacientes Especiais, v. 1, n. 3, p. 257–260, 2003. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/78551350.pdf> Acesso em: 16 jun. 2025.

Bowlby, J. Primórdios do comportamento do apego. **Apego e perda: apego. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 3, p. 329-369, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>. Acesso em: 10 mai. 2025.

Boccolini, C. S.; Carvalho, M. L.; Oliveira, M. I. C.; Leal, M. do C.; Carvalho, M. S. Fatores que interferem no tempo entre o nascimento e a primeira mamada. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 2681-2694, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008001100023>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Bueno, L. G. S.; Teruya, K. M. Aconselhamento em amamentação e sua prática. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. 126–130, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000700003>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Cantry, C. J.; Lemrick, J. L.; Long, S. Maternal pain and fatigue as barriers to breastfeeding postpartum. **Pediatrics**, v. 118, suppl. 2, p. e75-e82, 2006. Disponível em: https://pediatrics.aappublications.org/content/118/Supplement_2/S75 Acesso em: 20 jun. 2025.

Cruz, D. C. dos S.; Sumam, N. S.; Spíndola, T. Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 690–697, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342007000400021>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Carvalhes, M. A. B. L.; Correa, C. R. H. Identificação de dificuldades no início do aleitamento materno mediante a aplicação de protocolo. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 79, n. 1, p. 13–20, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572003000100005>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Dal Santo, F. A., Costa, C. da C., Conto, J., Bagarollo, M. F., Czylusniak, G. R. Conhecimento de mães sobre formas de aleitamento e hábitos deletérios. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 641–650. DOI: 10.23925/2176-2724.2019v31i4p641-650, 202. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/43198> Acesso em: 22 out. 2024

Dias, B. A. S.; Leal, M. do C.; Esteves-Pereira, A. P.; Nakamura-Pereira, M. Variações das taxas de cesariana e cesariana recorrente no Brasil segundo idade gestacional ao nascer e tipo de hospital. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 6, p. e00073621, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT073621> Acesso em: 25 jun. 2025.

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Amamentação e políticas públicas. Rio de Janeiro: **ENSP/Fiocruz**, 2016. Disponível em: https://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/pages/iframe_print.php?aid=99 Acesso em: 15 jun. 2025 .

Fonseca, L. F.; Silva, R. A. C.; Carvalho, A. E. V. A atuação fonoaudiológica na promoção do aleitamento materno. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 570–577, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/QLhNB4RnN3JLzx6tGq5Ffcz/?lang=pt> Acesso em: 20 jun. 2025.

Fonseca, A. L. M.; Albernaz, E. P.; Kaufmann, C. C.; Neves, I. H.; Figueiredo, V. L. M. de F. Impacto do aleitamento materno no coeficiente de inteligência de crianças de oito anos de idade. **Revista Boliviana de Pediatría**, La Paz, v. 54, n. 1, p. 47–51, 2015. Disponível em: https://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S102406752015000100009. Acesso em: 23 jun. 2025.

Frois, C. DE A.; Mangilli, L. D.. Apresentação de um protocolo clínico direcionado ao aleitamento materno no alojamento conjunto. **Audiology - Communication Research**, v. 26, p. e2389, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2389> Acesso em: 22/10/2024

Késsya Crislayne Ferreira Santos. Hayane Santos Nascimento. Thalyta Prata Leite de Sá. Íkaro Daniel de Carvalho Barreto. Andréa Monteiro Correia Medeiros

Ferreira, K. C.; Nascimento, H. S.; Sá, T. P.; Barreto, I. D. de C.; Medeiros, A. M. C. Conhecimento de puérperas sobre amamentação e fonoaudiologia em uma maternidade pública do Nordeste brasileiro. **Distúrb. Comunicação, São Paulo**, v. 323 p. 490-499, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/48454/32860> Acesso em: 25 jun. 2025.

Franklin, V. K. S.; Ramos, C. P. F. Os desafios da intervenção fonoaudiológica no aleitamento materno: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. 33410111813, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11813>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Ford, K.; Labbok, M. H. Who is breast-feeding? Implications of associated social and biomedical variables for research on the consequences of method of infant feeding. **American Journal of Clinical Nutrition**, v. 52, n. 3, p. 451–456, set. 1990. DOI: 10.1093/ajcn/52.3.451. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2393008/> Acesso em: 20 jun. 2025. .

Giugliani, E. R. J. Problemas comuns na lactação e seu manejo. **Jornal de Pediatría**, Porto Alegre, v. 80, supl. 5, p. S147–S154, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000700006>. Acesso em: 12 mai. 2025.

Giugliani, E. R. J. Promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno. **Jornal de Pediatría**, Rio de Janeiro, v. 86, n. 4, p. 300–302, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572010000400002>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Hospital São Lucas, Disponível em: <https://www.fhsl.org.br/> Acesso em: 19 jun.

2025.

Leite, I. C. G.; et al. Aleitamento materno e atuação do fonoaudiólogo. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 263–270, 2008. Disponível em:

https://sp.cefac.br/alunminus/cefac/biblioteca/publicacoes/arquivos/0000035_TA21.PDF Acesso em: 20 jun. 2025

Junges, C. F.; Ressel, L. B.; Budó, M. de L. D.; Padoin, S. M. de M.; Hoffmann, I. C.; Sehnem, G. D. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 343–350, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000200020>. Acesso em: 2 jun. 2025.

Leite, R. F. P.; Muniz, M. C. M. C.; Andrade, I. S. N. Conhecimento materno sobre fonoaudiologia e amamentação em alojamento conjunto. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 22, n. 1, p. 36–40, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40811729007.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Leite-Cavalcanti, A.; Bezerra, P. K. M.; Moura, C. Aleitamento natural, aleitamento artificial, hábitos de sucção e maloclusões em pré-escolares brasileiros. **Revista de Salud Pública**, Bogotá, v. 9, n. 2, p. 194–204, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250991914_Aleitamento_Natural_Aleitamento_Artificial_Habitos_de_Succao_e_Maloclusoes_em_Pre-escolares_Brasileiros Acesso em: 10 jun. 2025.

Lipay, M. S.; Almeida, E. C. A fonoaudiologia e sua inserção na saúde pública. **Revista Ciências Médicas, Campinas**, v. 16, n. 1, p. 31-41, 2007. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/1073>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Meesner, A. H.; Lalakea, M. L.; ABY, J.; Macmahon, J.; Bair, E.; MS; PNP. Ankyloglossia incidence and associated feeding difficulties. **Archives of Otolaryngology – Head & Neck Surgery**, Chicago, v. 126, p. 36–39, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/12685057>. Acesso em: 20 jun. 2025.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno em serviços que prestam assistência ao parto: revisão da recomendação. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

Pasqual, K. K.; Braccialli, L. A. D.; Volponi, M. Alojamento conjunto: espaço concreto de possibilidades e o papel da equipe multiprofissional. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 334–339, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648971003.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2025.

Pridham, K.; Lin, C.; Brown, R. Avaliação das mães sobre seus cuidados com bebês prematuros e nascidos a termo durante o primeiro ano: fatores contribuintes. **Wiley**

Online Library. Volume 24 , Edição 3 p. 157-169, 2001. Disponível em:
<https://doi.org/10.1002/nur.1019> Acesso em: 25 jun. 2025.

Santos, V. L. F.; Soler, Z. A. S. G.; Azoubel, R. Alimentação de crianças no primeiro semestre de vida: enfoque no aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 5, n. 3, p. 283–291, 2005. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1519-38292005000300004>. Acesso em: 3 mai. 2025.

Santos, J. C. de J., Alves, Y. V. T., Barreto, I. D. de C., Fujinaga, C. I., & Medeiros, A. M. C. Influência de fatores maternos no desempenho da amamentação. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 575–584, 2020. DOI: 10.23925/2176-2724.v31i4p575-584, 2019. Disponível em:
<https://doi.org/10.23925/2176-2724.2019v31i4p575-584> Acesso em: 22 out. 2024

Stern, D. N. The first relationship: Infant and mother. **Early Child Development and Care**, v. 160, n. 1, p. 1-14, 2000. Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/030044300160010> Acesso em: 20 jun. 2025.

Trawitzki, L. V. V.; Anselmo-Lima, W. T.; Melchior, M. O.; Grechi, T. H.; Valera, F. C. P. Aleitamento e hábitos orais deletérios em respiradores orais e nasais. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 71, n. 6, p. 747–751, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rboto/a/Knzn3yzsWPhrfcv4jRxG7Tb/> Acesso em: 16 jun. 2025.

Takushi, S. A. M.; Toma, T. S.; Garcia, P. R.; Monteiro, M. A. M. P. Motivação de gestantes para o aleitamento materno. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, n. 5, p. 491–502, set./out. 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rn/a/6TDDTpfgNPDG5LSw3xfQhYq/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2025.

UNICEF. **Dez passos para o sucesso do aleitamento materno: IHAC – Iniciativa Hospital Amigo da Criança**. Brasília: UNICEF, 2022. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil>. Acesso em: 7 jun. 2025.

UNIMED VALES DO TAQUARI E RIO PARDO. O que você precisa saber sobre a confusão de bicos na amamentação. **Blog Unimed VTRP**, 16 ago. 2023. Disponível em:
<https://www.unimedvtrp.com.br/blog/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-confusao-de-bicos-na-amamentacao/>. Acesso em: 08 jul. 2025.